

**“D’INSTINTO” - A transformação do lixo em arte na obra de Jorge Machado**

Michele Zaltron [1]

[Entrevista concedida por Jorge Machado a Michele Zaltron em junho de 2010, momento em que o artista realiza a criação de novas obras para a exposição que fará em breve em Porto Alegre - RS.]

O artista plástico Jorge Machado possui 20 anos de experiência em sua arte. Entre as exposições realizadas no Rio de Janeiro constam: “CACOS DE VIDA: UMA RECONSTRUÇÃO”, abrigada em seu atelier na Gávea (1998); “É da caçamba”, acolhida pelo Forte de Copacabana (2006/2007). Ao longo de 15 anos também concebeu e confeccionou vários cenários, adereços e figurinos para shows de música e espetáculos de teatro.

Iniciou sua carreira artística como ator, mas logo começou a trabalhar também com materiais “que já estão com a sua vida útil terminada”, materiais que retira do lixo e das suas próprias coisas, das sobras. Dessa forma, fez uma obra com botões, os que tinha e os que recolheu com pessoas conhecidas; outra com garrafas, percebeu que tinha muita garrafa em casa, as quebrou e as transformou em arte. Foi desenvolvendo essa técnica de reutilização de materiais devido a falta de dinheiro para comprá-los, mas acabou percebendo que não era preciso comprar; os materiais já existiam, e ele passou, assim, a transformá-los.

“Tem momentos em que eu me sinto como os objetos, desgastado, no limite...mexer com esses materiais me dá muita força criativa”.

M – De que modo a sua experiência teatral, de ator e cenógrafo, interfere ou está relacionada com as suas criações como artista plástico?

JM– O teatro foi o grande precursor da minha arte, tudo começou com ele. O teatro colaborou muito para eu assumir que era um artista e aprender o poder de transformação que a arte tem.

Há muita interferência, tudo está interligado, uma arte se relaciona com a outra apesar de serem distintas, mas é nas artes plásticas que eu me solto e sou mais eu com toda a minha loucura, liberando meu instinto e soltando meus bichos, sem a interferência de ninguém. No teatro, tanto como ator quanto como cenógrafo, é

preciso seguir um cronograma, um roteiro. Por isso, me sinto muito mais livre quando estou criando como artista plástico, mesmo gostando muito do trabalho de criação na cenografia e na atuação. Na verdade, adoro ser um artista e estou sempre em momento criativo.

M – Recentemente, você passou vários meses em Portugal e depois na Argentina realizando criações e exposições. Como foi a receptividade dos seus trabalhos artísticos no exterior? Fale um pouco dessas experiências.

JM – Foi uma experiência bastante significativa, porque tive que entrar em sintonia com cada país e fui muito bem recebido junto com a minha arte. Ao mesmo tempo em que me senti orgulhoso de ter podido mostrar e desenvolver meu trabalho na Europa e na Argentina, foi um tremendo aprendizado ter que me comunicar com a língua e com a cultura desses países. Fiquei muito feliz com essa conquista e realização.

Em Portugal, na área de teatro em que fui convidado a trabalhar, me foi pedido um figurino realista, isso me travou de certa maneira, porque eu não sou nada realista. Tive então que estudar uma forma de adaptar esse realismo ao meu trabalho, o caminho que encontrei foi produzir rasgos nas roupas do acervo que me foram propostas para o trabalho.

Na Argentina, visitei uma floresta em Córdoba onde havia acontecido a pouco tempo um grande incêndio. Isso me chocou muito, os troncos pretos retorcidos... mas já era possível ver alguns brotos renascendo em meio a essas cascas de árvores que mais pareciam uma ferida aberta. A partir dessa experiência criei “Queimada em Córdoba”. Queimeei a tela e cascas de árvores pra fazer o trabalho. O que mais me tocou nisso foi perceber como é grande a força da natureza que faz com que ela se recomponha tão rapidamente, foi muito bom sentir isso.

Para realizar as minhas criações também tive que me identificar com o lixo de Buenos Aires, tinha muito ferro retorcido, acho que o ferro, os arames, são materiais muito bons de se trabalhar, criei com isso um ninho com ferro, madeira e bolinhas de ping pong. O lixo de lá é bastante rico, mas é um tipo de lixo que... não gosto de trabalhar com plástico, apesar de encontrar uma infinidade de lixo nesse sentido. Como a Europa, a Argentina também me tocou muito pela quantidade de lixo que a humanidade produz.

Por isso adapto a minha criação conforme vou encontrando o material que está jogado fora. Já achei tanta janela em Copacabana que acabei fazendo vários trabalhos em janela e todas as madeiras com as quais trabalhei em Buenos Aires foram retiradas de um telhado em decomposição, consegui fazer todas as molduras dos trabalhos que expus lá com essa madeira.

M – Para finalizar, o que o inspira para a criação? Fale um pouco sobre o processo criativo do seu trabalho e a singularidade das suas obras.

JM – A minha inspiração vem forte quando eu estou triste, angustiado, como os materiais que eu trabalho, que já estão com a sua vida útil terminada. Me reergo e me curo quando começo a criar. Além de vir do prazer de sentir a transformação desses materiais, aos poucos vai nascendo algo novo, vou criando e conhecendo a cara da

obra que vai surgindo. Faço um tipo de desenho mental que me dá a imagem de coisas que ficaram gravadas em minha mente, também de acontecimentos que me marcaram bastante. A sensação de criar é muito boa, me satisfaz. Sou muito plástico também com a minha vida, eu estou sempre consertando as coisas, em mim e nos objetos, gosto de recuperar, dar uma nova vida para as coisas e essas coisas estão muito ligadas a mim e à minha vida. Tem momentos em que eu me sinto como os objetos, desgastado, no limite...mexer com esses materiais me dá muita força criativa.

O meu processo tem um sentido bastante visceral para mim. Gosto de misturar materiais, juntar papel com tecido, vidro com metal, madeira com arame, estopa com corda e dar uma nova cara a eles, que já estão em fase terminal, dar a eles uma nova vida útil. Acho que esse é o meu sentido, a transformação me seduz e me traz felicidade, talvez essa seja a maior singularidade que vejo nas minhas obras.

---

[1] Michele Zaltron é bacharel em Artes Cênicas pela UFSM nas opções Direção e Interpretação Teatral. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF. E-mail: [michelezaltron@yahoo.com.br](mailto:michelezaltron@yahoo.com.br)